

Rugidos

na cidade das gôndolas



Prestes a rodar “Os Corretores”, do diretor carioca Andrucha Waddington (seu companheiro), Fernanda integra o júri do Leão de Ouro de 2025 ao lado da atriz chinesa Zhao Tao, da diretora italiana Maura Delpero e de mais três cineastas: o francês Stéphane Brizé, o romeno Cristian Mungiu e o iraniano Mohammad Rasoulof. Completa essa claqué de artistas o realizador americano Alexander Payne (de “Os Rejeitados” e “Nebraska”), que preside o coletivo.

Logo que foi indicada para o Oscar, Fernanda conversou com o Correio da Manhã sobre a força simbólica de “Ainda Estou Aqui” para a população brasileira e sua arte: “Fui só alegria no roteiro, porque fiquei muito impressionada com a capacidade que (os roteiristas) Murilo (Haurser) e Heitor (Lorega) tiveram para escolher, naquele livro imenso do Marcelo, um corte que pula 26 anos e depois pula mais dez. É muito difícil. O trabalho da gente foi ajustar a Euni-ce na passagem da primeira fase para a segunda,

para que a segunda tivesse uma razão de existir. Acho que o trecho mais difícil de acertar – que foi para lá, foi para cá, teve mil retornos – foi a segunda parte, ali em São Paulo, onde ela recebe o atestado de óbito do Rubens”.

Kleber Mendonça Filho, diretor pernambucano premiado em Cannes com “O Agente Secreto”, que pode ser a nossa escolha para o Oscar 2026, integrou o júri veneziano de 2024, sob a liderança da atriz francesa Isabelle Huppert. Este ano não há longas brasileiros no certame, que tem como um de seus principais chamari-zes a comédia dramática da Netflix “Jay Kelly”, na qual George Clooney vive um astro em crise ao lado de um agente abilolado, interpretado por Adam Sandler, num desempenho que, para muitos, é um convite a prêmios. A principal aposta para o Leão é “Frankenstein”, de Guillermo Del Toro, com Oscar Isaac e Jacob Elordi.

Para a abertura do festival, o curador artístico convocou a prata da casa, Paolo Sorrentino, que ganhou o Oscar em 2014 com “A Grande Beleza”. O cineasta e seu ator fetiche, Toni Servillo, voltam agora com “La Grazia”. É uma história de amor ligada à esfera política.

Veneza termina no dia 6 de setembro, com a premiação.

OS FILMES SELECIONADOS PARA O FESTIVAL

- “La Grazia”, Paolo Sorrentino (filme de abertura)
- “O Mágico do Kremlin”, Olivier Assayas
- “Jay Kelly”, Noah Baumbach
- “A Voz de Hind Rajab”, Kaouther Ben Hania
- “Uma Casa de Dinamite”, Kathryn Bigelow
- “Ri Gua Zhong Tian” (“O Sol nasce sobre todos nós”), Cai Shangjun
- “Frankenstein”, de Guillermo Del Toro
- “Elisa”, Leonardo di Costanzo
- “À Pied d’Oeuvre”, Valérie Donzelli
- “Amigo Silencioso”, Ildikó Enyedi
- “O Testamento de Ann Lee”, Mona Fastvold
- “Pai, Mãe, Irmã, Irmão”, Jim Jarmusch
- “Bugonia”, Yorgos Lanthimos
- “Duse”, Pietro Marcello
- “Un Film Fatto Per Bene”, de Franco Maresco
- “Órfão”, László Nemes
- “L’Étranger”, François Ozon
- “Eojjeol Suga Eopda” (“Sem Outra Escolha”), Park Chan-wook
- “Sotto Le Nuvole”, Gianfranco Rosi
- “Coração de Lutador: The Smashing Machine”, Benny Safdie

Toni Servillo em ‘La Grazia’, de Paolo Sorrentino, que inaugura a premiação nesta quarta



George Clooney em ‘Jay Kelly’



‘Frankenstein’, de Guillermo Del Toro



‘Pai, Mãe, Irmã, Irmão’, de Jim Jarmusch



‘O Sol Nasce Sobre Todos Nós’, de Ri Gua Zhong Tian

